

Sergio Ranalli



Complexo Industrial do conde Francesco Matarazzo começou a funcionar plenamente em 1924, em Jaguariaíva, nos Campos Gerais

## Indústria do porco chega aos 100 anos no Paraná

**Dos primeiros frigoríficos ao cooperativismo e melhoramento genético, cadeia fabril impulsiona desenvolvimento no interior do Estado**

**Celso Felizardo**  
Reportagem Local

Nos tempos de ‘western brasileiro’, com seus sertões bravos, as comitivas de porcadeiros desafiavam todas as adversidades. Os rebanhos de suínos de paulistas e mineiros que se estabeleceram, a partir de 1843, no que é hoje o Norte do Paraná, eram direcionados a abastecer o mercado de São Paulo. As longas viagens se encurtaram quando, nos anos 1920, começa a funcionar o frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva, nos Campos Gerais.

Desde o início dos trabalhos na fábrica, marco do pioneirismo da industrialização do interior do Paraná, muitas transformações provocaram uma verdadeira revolução na atividade. Na segunda metade do século 20, o regime extensivo dá lugar ao confinamento, e o associativismo e a integração levam o protagonismo para o Oeste do Estado. A organização da cadeia e a padronização da proteína resultam em um salto de qualidade que hoje re-

flete em geração de renda, empregos e desenvolvimento.

Para contar essa história, a FOLHA foi até os extremos do Paraná, em Jaguariaíva, quase na divisa leste com São Paulo; e Toledo, no Oeste paranaense. Se o cenário consolidado mostra a força da agroindústria paranaense, o futuro se impõe com oportunidades e desafios. Para solucionar o impacto ambiental da suinocultura, a solução encontrada em Toledo foi transformar resíduos em energia por meio do biogás.

Na reta final de nossa viagem de um século pela história da indústria da suinocultura, o melhoramento genético dá as direções para os caminhos que a atividade deve percorrer nos próximos anos. Uma fazenda em Jaguariaíva é referência no assunto. Confira toda essa história em detalhes a seguir.

### PRIMÓRDIOS

O interior do Paraná era praticamente tudo mato quando Francesco Matarazzo, o maior industrial brasileiro de todos os tempos, no início dos anos



Ícone da industrialização do país, Matarazzo identificou potencialidades ao escolher local para instalar frigorífico

20 do século passado, resolve construir um frigorífico em Jaguariaíva, nos Campos Gerais. A grande produção de suínos existente no estado foi o grande chamariz para o negócio. O conde italiano, como era conhecido, que chegou a ter a quinta maior fortuna do mundo, ampliava assim o seu império, ‘sucendendo’ o de Dom Pedro II, o qual ele viu ruir em 15 de novembro de 1889, oito anos após sua chegada ao Brasil.

Para iniciar os negócios e, assim, “fazer a América”, Matarazzo trouxe consigo um carregamento de duas toneladas de banha de porco. A carga, porém, naufragou no Atlântico. Com base no estado de São Paulo, o empresário começou a empreender pela produção de farinha de trigo, que até então era totalmente importada no país. Nos anos seguintes, ampliou a área de atuação para um leque que ia desde alimentícios a produtos químicos. Mas a banha de porco nunca lhe saiu da cabeça.

Durante uma viagem de trem com destino à Antonina,